



## **FALAS E VIVÊNCIAS NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RACISMO, RESISTENCIA E O LUGAR DE FALA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Eixo: Educação, Diversidade e Inclusão  
Subprojeto: Geografia

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

Nome do(a) autor(a) 1 **Giselle Santos de Jesus** ([giselleamorim@gmail.com](mailto:giselleamorim@gmail.com));

2 Cléa Cardoso da Rocha ([ccrocha@uefs.br](mailto:ccrocha@uefs.br))

**Palavras-chave:** Resistência; Educação antirracista; Vivências; EJA

### **1 INTRODUÇÃO**

O ensino de Geografia, enquanto ciência que investiga as dinâmicas socioespaciais, possui um potencial singular para a formação de sujeitos críticos, capazes de decifrar e transformar a realidade que os cerca. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), esse caráter transformador é intensificado, uma vez que os educandos trazem para a sala de aula um vasto repertório de experiências vividas no espaço geográfico, marcadas frequentemente por exclusões e violências, mas também por resistências (Freire, 1996). Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o interesse em retomar os estudos vai além do acesso ao mercado de trabalho, incluindo também a conquista da autonomia e a valorização no meio social.

Contudo, o espaço escolar, reflexo da sociedade brasileira, nem sempre está preparado para acolher e valorizar as particularidades desses sujeitos, especialmente quando se trata da população negra. A omissão deliberada das questões raciais no planejamento pedagógico, como alerta Cavalleiro (2001), perpetua relações desiguais e impede a construção de uma educação verdadeiramente democrática e antirracista. Foi nesse contexto que um projeto desenvolvido no mês da Consciência Negra despertou nos estudantes da EJA o anseio de narrar suas próprias vivências enquanto pessoas negras, documentado em vídeo. Este texto, portanto, objetiva analisar essas narrativas, entendendo-as como expressões de

resistência ao racismo estrutural e como potentes ferramentas pedagógicas para a construção de uma Geografia crítica e decolonial a partir da experiência do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

## **METODOLOGIA**

A intervenção foi realizada em 2023, em um Colégio Estadual do bairro Feira VI, com sete educandos da EJA e sua professora, no âmbito do Subprojeto de Geografia do PIBID. A metodologia adotou uma abordagem qualitativa e participativa, alinhada aos princípios da pesquisa-ação (Thiollent, 2011), onde os sujeitos são coautores do processo de investigação.

A atividade surgiu de um diálogo com a turma sobre o projeto para o "Novembro Negro" da escola. Os estudantes criticaram a concentração das discussões raciais apenas nesse mês e manifestaram o desejo de produzir um vídeo que fosse um canal para suas vozes. A intervenção ocorreu em duas etapas:

1. Roda de conversa: Na primeira semana, foi promovido um espaço seguro de escuta, onde os educandos compartilharam experiências cotidianas de racismo.

2. Produção Audiovisual Coletiva: Na segunda semana, os relatos mais significativos foram transformados em um roteiro e gravados em vídeo, com a participação ativa de todos.

O produto final foi exibido para a comunidade escolar na culminância do projeto.

O depoimento de uma estudante, mãe de duas crianças, ilustra a materialidade do racismo: “Eu mesma já me cansei de ouvir das pessoas se eu sou babá dos meus filhos, pois sou mais escura que eles. Eles são mais claros por conta do pai, e toda vez que entro em uma loja me fazem essa pergunta.” Este relato, entre outros, tornou-se o objeto central de nossa análise.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise do vídeo e do processo de sua construção revelou que a sala de aula da EJA pode se tornar um território de enunciação (Mbembe, 2017) para vozes tradicionalmente silenciadas. As falas dos educandos, carregadas de dor e resiliência, expõem a profundidade do racismo enraizado na sociedade brasileira, que se manifesta de formas estruturais e veladas, conformando o espaço geográfico através de segregação e discriminação.

Como argumenta Ribeiro (2019), a naturalização do racismo é um de seus mecanismos mais perversos. O projeto desnaturalizou essas violências, transformando-as em

objeto de reflexão coletiva. Isso promoveu um processo de letramento racial (Gomes, 2012), crucial para o reconhecimento e o combate à discriminação.

Para a Geografia, os relatos são uma janela para compreender como o racismo opera na produção do espaço urbano e nas relações sociais. A pergunta “você é a babá?” dirigida à estudante negra com filhos de pele mais clara não é um episódio isolado; é a expressão de uma geografia do racismo que hierarquiza corpos e ocupações no espaço da loja, do bairro e da cidade. A Geografia Crítica, como defendem Castellar e Juliasz (2017), deve desenvolver habilidades para observar, relacionar e interpretar essas dinâmicas, indo além da descrição física do território e mergulhando em suas contradições sociais. A experiência corrobora a perspectiva de que o conhecimento geográfico escolar deve ser construído a partir da valorização dos saberes experienciais dos educandos (Callai, 2005), tornando a aula um espaço de reflexão sobre sua própria realidade. Os estudantes conseguiram, dessa forma, evidenciar os atravessamentos que enfrentam diariamente. Logo no primeiro momento de conversa, alguns educandos se emocionaram ao relatar situações de racismo vivenciadas por eles ou por seus entes queridos, revelando como essas experiências deixam marcas profundas que acompanham o sujeito ao longo da vida.

O vídeo produzido pelos estudantes também teve grande impacto, ao ser apresentado durante a noite do projeto, alcançou outras turmas e ampliou o debate. Muitos comentaram que vivem realidades semelhantes, enquanto outros se comoveram com os relatos, reconhecendo a importância de dar voz a essas experiências. O material gerou, assim, não apenas emoção, mas também reflexão coletiva, fortalecendo a percepção de que o racismo é uma questão estrutural que precisa ser enfrentada em todos os espaços sociais.

Além disso, o diálogo promovido favoreceu a criação de um espaço de escuta e acolhimento, dessa maneira, a atividade ultrapassou os limites da sala de aula, tornando-se um instrumento de sensibilização e conscientização para toda a comunidade escolar.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intervenção realizada demonstrou que criar canais para o lugar de fala dos estudantes da EJA não é apenas uma estratégia pedagógica, mas um imperativo ético e político. A escuta sensível e a transformação dessas narrativas em objeto de estudo permitem que os educandos se reconheçam no processo de aprendizagem, construindo um conhecimento geográfico significativo e emancipatório.

O projeto evidenciou o profundo desejo dos estudantes de serem ouvidos e a potência de se trabalhar pedagogicamente com suas experiências de racismo e resistência. Conclui-se

que a formação docente, especialmente no contexto do PIBID, deve incorporar essas práticas, formando professores preparados não apenas para ensinar conteúdos, mas para acolher histórias de vida e para lutar por uma educação antirracista que questione as estruturas injustas que moldam nosso espaço geográfico.

Por fim, a intervenção realizada no espaço educacional demonstra a importância de ouvir os estudantes em sala de aula e de transformar essas conversas e partilhas em objeto de estudo, possibilitando que eles acrescentem suas experiências e se reconheçam no processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **Estudo do lugar: o caminho para a cidadania**. In: A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino? (Org.) SCARIM, C. C. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2005. p. 113-133.

CASTELLAR, S. M. V.; JULIASZ, P. C. S. **Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações**. Acta Geográfica, p. 160-178, 2017.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2017

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 136 p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.